

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

FABIANO ÁVILA

O USO DA ARTE DE FOTOGRAFAR COMO MÉTODO PARA O
FORTALECIMENTO SOCIAL E DA SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO EM
SITUAÇÃO DE RUA

Porto Alegre

2022

FABIANO ÁVILA

O USO DA ARTE DE FOTOGRAFAR COMO MÉTODO PARA O
FORTALECIMENTO SOCIAL E DA SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO EM
SITUAÇÃO DE RUA

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a conclusão do curso de Graduação em
Psicologia pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul Orientadora: Carolina do Reis

Porto Alegre

2022

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, dona Édina, mulher forte e guerreira, que batalhou incansavelmente para que seus filhos pudessem estudar e chegar na universidade pública; e seu Jorcelei, pai carinhoso que sempre pude contar. Essas duas grandes pessoas, obrigado por todo apoio que me proporcionaram durante a vida e na minha jornada acadêmica. Sem eles eu não teria chegado neste grande momento que é se formar em uma das melhores Universidade do país.

Quero agradecer o carinho amoroso dos meus irmãos, Richard e Maicon, que são a luz que ilumina meu caminho e que me dá forças para seguir em frente. Amo vocês com a mesma intensidade que o sol brilha.

Agradeço a minha companheira Livia, uma guerreira para todas as horas, que muito aprendi com ela sobre cumplicidade, parceria e amor. Muitas noites sem dormir estudando e sempre estive comigo dando força e alegrias nesse caminho.

Agradeço com muito amor e carinho a minha Amiga/Irmã Eliana Farias, que faleceu em 2018, que tanto me motivou a continuar estudando mesmo quando eu já me sentia esgotado e com pensamentos de desistir. Te amo muito e espero que esteja bem.

A minha família toda, por me proporcionar momentos de descanso, alegrias e incentivo.

Aos meus Avós, Jaci e Maria, por me alegrar e me alimentar toda vez que os visito. Pelas histórias de vida contadas pelo vovô em que consigo ficar escutando durante horas, mesmo já ter tido escutado tantas vezes quanto estrelas têm no céu. AMO VOCÊS.

Ao meu amigo, Odoaldo Jr, pela parceria e aprendizado que tive ao longo do tempo que nos conhecemos. Tem um coração nobre e segue sempre pelo certo.

Ao meu colega de curso e amigo Matheus, por todas as trocas e apoio durante nossa jornada até aqui.

Ao meu grande amigo, Camilo, que puxa a minha orelha e está sempre comigo quando preciso conversar. Te agradeço com meu coração pela pessoa incrível que tu és.

Agradeço a minha orientadora, Carolina do Reis, por me auxiliar nessa empreitada que é o TCC, e por muitas vezes ter me auxiliado ao longo do curso. Deixo dito, aqui, que a professora Carolina é uma excelente profissional e comprometida com a educação e com a busca de autonomia do estudante.

A Universidade do Rio Grande Do Sul, quero agradecer a todos os trabalhadores dessa instituição e a todos que de alguma forma me ajudaram a chegar aqui. A UFRGS é um patrimônio da nossa cidade e do Brasil. Importante nos atentarmos para cuidá-la para cada vez mais ser um espaço multicultural e que seja cada vez mais ampliada a diversidade social, de raça e de gênero.

Ao projeto A Cara da Rua, por todo aprendizado que recebi e pelo carinho gerado por todos ao longo de todo o percurso que tive. Quero deixar meu maior respeito e agradecimentos para: Daniela Cidade, Daniela Tonelli, Diogo Vaz, Guido Ruchel, Fernando. Também quero agradecer aos participantes do projeto e que tenho profundo respeito, admiração e paixão por todos: Antonile, Evandro, Gelson, Elvis, Jéssica, Jovana, Leandro, Luana, Marcelo, Marcos o Palhaço, Paulo, Rodrigo, Anderson, Adriano, Adroaldo, Edson, Juarez Negrão, Carlos Eduardo, José Henrique, Guilherme, Sandro, Jeane, Vinicius, Valdelirio, Dilson.

Ao Movimento Nacional da População em Situação de Rua e ao Jornal Boca de Rua, por serem dois projetos riquíssimos e comprometidos com a transformação dos seus integrantes e por serem guerreiros pelas lutas que enfrentam no cotidiano, que tanto tive o prazer e oportunidades de conhecer e frequentar, sendo divisor de águas no tocante trabalho de grupo. Vocês são inspirações para um mundo melhor, para a mudança.

A Escola Porto Alegre, por ser um espaço impar em Porto Alegre e no Brasil pelo seu atendimento à População em Situação de Rua, sendo um ícone de resistência dentro da cidade e na Educação. Tive o privilégio de poder estar dentro dessa escola por muitos anos, participando do projeto A Cara Da Rua. O respeito e carinho que os trabalhadores desse local têm para os seus alunos é inigualável. Na EPA, há um universo de atividades e projetos que habitam, realmente, fazendo diferenças. Agradeço, então; A prof.^a. Jaqueline, Prof. Renato, Prof. Beto, Prof.^a Lidiele, Prof.^a Inês, Prof. Dante e toda a equipe de trabalhadores da Escola EPA que fortalecem esse espaço.

Quero agradecer também a toda população em situação de rua que tive contato pelas andanças nas ruas de Porto Alegre e Canoas, junto ao projeto A Cara da Rua que luta cotidianamente. Quero deixar aqui meu respeito e total apoio pelas causas que bravamente se colocam a lutar.

A todos que, de alguma forma, contribuíram e fizeram parte da minha formação, me incentivando a seguir em frente. GRATIDÃO!

Resumo

Este trabalho visa apresentar o projeto de extensão A Cara da Rua da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seus modos de produção de trabalho artístico-pedagógico, vinculado a geração de renda, junto a população em situação de rua de Porto Alegre, a partir do campo da fotografia como proposta de reflexão sobre o meio ao qual se está inserido, sobre organização coletiva centrada nas potencialidades do autocuidado dos participantes. A partir das minhas experiências junto ao projeto, pretende-se tecer uma escrita sobre a trajetória das atividades e destacar seus efeitos como potencialidade de fortalecimento de vínculos e de produção de estratégias para ampliar o cuidado em saúde mental dos integrantes do projeto.

Palavras-chave: Fotografia, Projeto de Extensão, População em Situação de Rua, Geração de Renda, Coletivo,

Sumário

1	Breve vivência com a fotografia e seus efeitos	8
2	Oficinas de Fotografia: A imagem em ação	12
3	A cara da rua: projeto de extensão universitária	15
4	Caracterização da Problemática de Pesquisa.....	18
5	Metodologia.....	23
6	Fotografia e rua: recortes, arte e corpo.....	24
7	A escuta como função organizadora	29
8	Os preceitos construídos para a organização do grupo	31
9	A geração de renda e os laços com as experiências: trocas, coletivo e horizontalidade.	34
10	Considerações Finais	41
	Bibliografia.....	43

1 Breve vivência com a fotografia e seus efeitos

O gosto pela fotografia surgiu quando eu era menino. Por volta dos 9 anos de idade, minha mãe comprara uma câmera simples de fotografia. Juntara dinheiro por um bom tempo para poder adquirir esse bem, que para ela foi precioso ao longo dos anos seguinte. A câmera era bem simples. Era de rolo de filme. A cada rolo poucas fotos podiam ser tiradas. Dessa forma, cada “click” dado tinha que ser o melhor, para não gastar o rolo. Assim, nesse período, minha mãe deixou que eu tirasse algumas fotos, em dias de festejos da família, sempre me alertando para ter muito cuidado. Eu brincava de tirar foto, com uma câmera invisível, mas, como disse anteriormente, foram raras as vezes que ela me deixou, realmente, fazer algum registro com aquele “brinquedo”. Porém todas as vezes que isso ocorrera foram momentos de festas dentro da minha imaginação. Minha mãe não tinha muitos conhecimentos de técnicas fotográficas para fazer os registros fotográficos, mas sempre cuidou para que as fotos fossem as melhores que ela pudesse fazer. Ela nunca me falou de algum fotografo que conhecera, mas isso não a impediu de tentar seguir um modo para fotografar. Ao lembrar esses fragmentos de memórias, percebo que seu aprendizado se deu a partir de seu encontro com o equipamento fotográfico. Construirá sua experiencia no fazer, na tentativa e erro. Quando as fotos eram reveladas, eu sempre observava a imagem inteira e era agradável o que eu via.

Contudo, no tempo de rolo de filme fotográfico, ter câmera era realmente mais difícil, pois era caro comprar, e continua sendo; era caro fazer a revelação das fotos, era triste quando as fotos ficavam ruins e ver o dinheiro investido para isso ir por ralo abaixo. Por tudo isso, cada click da câmera deveria ser decisivo e perfeito, na medida do possível.

Ao continuar a narrar o meu primeiro contato efetivo com a fotografia, dedico as primeiras frases, acima, a quem me apresentou ao mundo da fotografia e a primeira câmera que tive em mãos. Por conseguinte, ainda quando menino, me deparei com uma professora de escola, que ensinava francês, que me apresentou o primeiro fotografo da minha vida: Henri



Figura 1 Cartier Bresson

Cartier Bresson¹. Quando me deparei com uma das suas fotos, foi algo que mudou minha forma de ver o mundo. Bresson, francês, jornalista e desenhista é um fotógrafo mundialmente famoso. É dele a proposta do *instante decisivo* no mundo da fotografia. O momento em que tudo se une, como numa sinfonia musical, para ser capturado e registrado na história da fotografia, na história do mundo. Há muitas fotos de Bresson que são icônicas, como, por exemplo, o homem com guarda-chuva, em um dia “*a lá inverno inglês*”, nublado, cinzento, que para poder atravessar a poça de água a sua frente pulara, segurando seu guarda-chuva erguido, para uma escada que está mais à frente. A imagem fora registrada em preto e branco; assim, lança luz a um poder maior de vislumbre ao recorte feito, pois, ao usar a gama de preto, cinza e branco, muito do que não é visto pode ser construído pela imaginação do observador. Essa última pode ser vista como fator importante para a potência que a fotografia pode exercer sobre aquilo que foi registrado. Dito isto, esta proposição conversa com a definição de *Punctum*, de Roland Barthes, (Klafke et al. 2016) no qual ele diz, em linhas gerais, que a uma parte da fotografia, na qual não se vê, mas está ali, é a referência do fotógrafo; tudo aquilo que de certa forma constitui o sujeito da ação. Assim, quando está diante de um registro fotográfico de algum fotógrafo que cativa o olhar, como Bresson, pode-se sentir, que para além da imagem algo há que está querendo transbordar para fora, mas como num quebra-cabeça será preciso juntar as peças, para formar uma informação maior; que não necessariamente, será o que o autor propôs. Essa dimensão que a fotografia traz estará ligada com o sensorial, a intersubjetividade que Barthes anuncia como efeito de *Punctum* (Klafke et al. 2016), no qual a interação do sujeito com o mundo, com o outro se dará também pelo registro da imagem ao qual o observador interage e busca compreender aquilo que falta no registro; e é o que tem a força de atrair o olhar. Então Foi assim que Bresson capturou minha atenção e minha vontade pela fotografia. A partir dos diálogos com suas imagens e na sua apresentação do mundo que me interessei pelo campo da fotografia. Pelo não dito que a imagem oferta para o observador.

Nos anos a seguir, outros fotógrafos importantes, que descreverei mais adiante, começaram a fazer parte do meu mundo fotográfico e que me auxiliou na formação do meu olhar sensível sobre a relação com o mundo. Este movimento foi agregador para conhecer narrativas sobre o contingente social e as relações com a vida em sociedade que

¹ <https://blog.emania.com.br/os-grandes-fotografos-da-historia-henri-cartier-bresson/>

isso implica. Cada fotografo e sua obra aos quais fui conhecendo, foi direcionando o meu gosto pela fotografia, pelo tipo de processo fotográfico que tinha mais a ver com o que eu sentia ser adequado para minha própria identidade visual, por exemplo. A forma como observam o mundo por suas lentes se entrecruzam, são tão parecidos e diferentes ao mesmo tempo. Mas todos eles, de alguma forma, queriam mostrar as realidades de seus tempos, deixar um registro histórico sobre as sociedades de suas épocas, algumas vezes de maneira crua, outras de forma mais poética no sentido estrito da palavra. A beleza e a dor, a tragédia e alegria, o descaso e o acaso, a natureza e o desastre, o sentimento e a desumanidade; tudo isso compondo um tempo, compondo a experiência humana.

Os fotógrafos que produziram em mim certa necessidade do registro do tempo em imagem, são eles: a) Robert Capa², que fez diversas coberturas ao longo da vida de conflitos e guerras, dentre elas a guerra civil espanhola e a segunda guerra mundial. Seu trabalho sensível foi para além de registrar os desastres que tais guerras impuseram, mas sim, também, mostrar a resistência do povo ante os conflitos. B)



Figura 3 Robert Capa: Israel 1948 -50

Sebastião Salgado³, fotografo considerado humanista, sua obra está ligada ao fazer registro de culturas variadas e seus meios de existirem no mundo. Desta maneira, Salgado



Figura 2 Sebastião Salgado - Serra Pelada/Brasil

confronta o mundo globalizando ao mostrar as diferenças e peculiaridade de cada povo. Sempre de maneira sensível e em preto branco, os registros fotográficos são uma análise das diferenças

² <https://www.dw.com/pt-br/robert-capa-o-fot%C3%B3grafo-de-guerra-por-excel%C3%Aancia/a-54852873>

³ <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2597/sebastiao-salgado>



Figura 4 Vivian Maier.

que compõem a existência humana. B) Vivian Meir⁴, esta que fez diversos registros pelos EUA durante a grande depressão da década de 30. Ao longo de sua vida se defrontou com dificuldades em ter reconhecimento do seu trabalho fotográfico no mundo da fotografia por seus pares. Pois ainda nessa época, a fotografia era, principalmente, dominada por homens. Vivian Meir foi reconhecida como fotógrafa apenas em 2009, quando encontram seu acervo fotográfico, no qual mostra seu inteiro fascínio pela fotografia e pelo cotidiano de sua época.

O que estes fotógrafos têm em comum para a formação da minha experiência em fotografia é que em suas obras há uma relação com o teor documental. Ou seja, a partir de suas visões de mundo, documentar acontecimentos históricos, as distintas diferenças entre os povos e suas formas de ver a vida, como forma de deixar gravado na linha do tempo a existência de algo. Desta forma nos apresentam a forma como enxergam as relações de seus tempos. E, com isso também serve de análise para tentarmos compreender o no nosso próprio tempo.

Portanto, no processo de desenvolvimento com a fotografia estes fotógrafos se tornaram essenciais para meu percurso em busca de documentar a minha existência a partir daquilo que entro em contato e daquilo que fricciona as relações humanas. Assim a fotografia, tornou-se ferramenta de descobertas sobre tudo aquilo que me cerca. Torna-se assim, para mim, uma ferramenta para produzir discussões sociais.

⁴ <https://blog.emania.com.br/os-grandes-fotografos-da-historia-vivian-maier/>

2 Oficinas de Fotografia: A imagem em ação

Continuando com as lembranças do passado. A minha primeira câmera fotográfica, consegui em 2007. Era bem simples, digital, comprada de um amigo de trabalho que havia adquirido uma mais nova. Na câmera, não havia muitas configurações de imagem e seu cartão de memória era de 4gb. A partir daí, comecei a sair pelo centro da cidade Porto Alegre para fazer registros puros e livres do cotidiano. Pelo menos dois dias da semana eu me propusera a sair à deriva e conhecer novos lugares. No final do expediente do trabalho, no centro da cidade, e deixava meus pés me levarem para algum lugar diferente. Entrar em ruas que não conhecia, foi como se eu estivesse adentrando um outro mundo. O fascinante dessa experiência foi de sempre ver algo novo, algo interessante. A vida pulsava na cidade quando eu estava fotografando, observava as cores, as luzes, o correr das pessoas, a movimentação do trânsito, os vendedores ambulantes. Não me preocupava com a técnica, mas sim com aquilo que aguçava o meu olhar. Talvez fizesse isso porque estava seguindo os passos de minha mãe. Após chegar em casa, eu pegava a câmera e observava o que eu tinha feito. Esses momentos foram muito interessantes, pois a cada imagem registrada me inundava de lembranças tanto do momento do registro quanto do andar pela cidade, e buscava traçar o como que havia chegado nos locais dos registros. Com o tempo comecei a perceber que o centro da cidade havia muito mais do que prédios e pessoas... havia acontecimentos, havia vida, havia pessoas que viviam nas ruas cidade, havia trabalhadores em parada de ônibus voltando para casa, havia os artistas de rua, havia pulsação. Esse momento com a fotografia me fez refletir sobre o cotidiano e como nos relacionamos com ele.

Em 2013 participei de um projeto chamado Circo Da Cultura⁵, vinculado a Fundação de Assistência Social e Cidadania⁶(FASC), no qual o objetivo foi propiciar as crianças e adolescentes, em estado de vulnerabilidade social dos Centros de Referencial de Assistência Social (CRAS), oficinas culturais como, teatro, circo, música, cinema e fotografia. Nessa época, eu participava do grupo de Teatro Ói Nóis Aqui Traveiz⁷ e fui chamado para trabalhar como oficinairo de teatro. Como as artes têm potencial de se

5

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?p_noticia=148297&CRIANCAS+E+ADOLESCENTES+DA+FASC+FAZEM+APRESENTACAO+CULTURAL

⁶ http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?p_secao=56

⁷ <https://www.oinoisaquitraveiz.com.br/>

unirem, propus, na oficina que ministrava, fazer uma intersecção com a fotografia junto ao grupo. Dessa maneira, a fotografia foi usada como ferramenta para documentar as nossas atividades. Todo processo de registro se deu pelos alunos da oficina. Utilizei minha própria câmera semiprofissional que havia adquirido. Os participantes, de criança a adolescentes, puderam ter esse contato com um



Figura 5 Projeto Circo Da Cultura Acervo do projeto-

equipamento mais elaborado. Quando indaguei sobre “fotografar” poucos haviam tido contato com uma câmera fotográfica, qualquer modelo que fosse. Observar os alunos com este equipamento foi interessante, pois foi trabalhado o cuidado com o material, a experiencia de registro das oficinas de forma cuidadosa: pensar e agir conforme a possibilidade mesma. Emprestar a câmera para o colega, auxiliar o outro quando precisasse, foi o único pedido de maneira formal que fizemos. Desta forma ao longo de 2 anos de participação neste projeto, foi possível desenvolver quatro exposições ao final das atividades de teatro oferecidas.

Um pouco antes. O registro surgiu como necessidade de mostrar de forma temporal todo o processo produzido, como forma de ampliar o sentido daquilo feito. Isto é, do início ao fim das atividades, que culminam na apresentação do resultado, as crianças e adolescentes atendidas tinham algumas dificuldades em sentir-se motivados para finalizar as atividades. Desse modo, ao chegar ao final, na apresentação era levado ao grupo os registros feitos de todo processo. Assim, vale salientar o que quero descrever acima a partir das palavras de Kossoy:

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. [...] (Pág.47, 1988)

Para os jovens, o efeito de se encontrar com a história e lembranças dos encontros das oficinas a partir do registro fotográfico foram positivos, pois ao se depararem com a história documentada da oficina surgia nas falas do grupo a memória de grande parte das

atividades e algumas vezes as dificuldades encontradas durante todo percurso. Momento, esse, agregador para a continuidade do desenvolvimento artísticos deles, ao longo dos 2 anos de projeto. Dessa forma, dialogávamos e refletíamos sobre o que foi feito e os passos a seguir, incluindo também o ato de registrar em imagem o que viria adiante.

Para finalizar, penso ser importante deixar aqui escrito que tanto o desenvolvimento do projeto de teatro e fotografia através do circo da cultura, como meus primeiros passos com a fotografia em 2007 foram agregadores para minha visão referente ao ato do registro fotográfico e suas potencialidades como ferramenta de observação da sociedade e sobre as discussões que podem surgir a partir dessa ferramenta. Desta maneira, a fotografia é um meio pelo qual é possível expressar aquilo que observamos, pode ser de forma artística, de forma documental, ou livre de qualquer fonte teórica a priori, apenas a câmera fotográfica e quem a segura. Segue as palavras de Kossoy, para finalizar esta parte:

O homem, o tema e a técnica específica (esta, por mais avançada que seja) são em essência os componentes fundamentais de todos os processos destinados à produção de imagens de qualquer espécie. (Pág.38, 1988)

3 A cara da rua: projeto de extensão universitária⁸

No ano de 2015, a partir do mês de maio, iniciei minha participação no Programa



Figura 6 Acervo do A Cara da Rua

Universidade na Rua⁹, integrante do Edital PROEXT-MEC/SESu¹⁰ 2015-2016. Primeiramente a proposta para qual haviam me convidado a participar foi a de trabalhar com imagem e fotografia junto aos moradores em situação de rua. Essa seria uma das vertentes que o Programa UniRua abarcaria. Houve um contratempo no início da proposta da atividade de imagem, pois os equipamentos previstos: 6 câmeras fotográficas, que haviam sido solicitados para a oficina, não chegaram. Tivemos que atrasar o início da ação, mas aproveitamos para organizar as atividades que proporíamos aos alunos. Como a espera fora de dois meses

para a chegada dos equipamentos, iniciei minha participação em outra atividade do UniRua, que consistia em acompanhar as reuniões do Movimento Nacional da População em Situação de Rua¹¹ (MNPR) que também aconteciam na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre¹² (EMEF - EPA); todas as sextas-feiras, das 14h às 17h, e dar suporte nas atividades realizadas pelo movimento. Éramos considerados apoiadores do MNPR.

Posto isto, o A Cara Da Rua, ao receber os equipamentos, conseguiu dar início as atividades que havíamos pensado. Como dito anteriormente, era um projeto de experimentação em fotografia. A partir de 2017 se tornou um projeto independente, realizado através da PROEXT/UFRGS. Em 2022, o A Cara da Rua completou 7 anos de atividades desenvolvidas em parceria com a EMEF Porto Alegre – EPA.

⁸ <https://www.facebook.com/projcaradarua/>

⁹ <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107559>

¹⁰ <https://www.ufrgs.br/prorext/>

¹¹ <https://www.facebook.com/mnprrs/>

¹² <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/index.html>

Os processos fotográficos criados se alicerçam sempre de forma pedagógica e artística na produção de discussões sociais, sobre problemáticas do cotidiano dos integrantes, e em temas livres e espontâneos. Toda criação fotográfica é organizada e decidida coletivamente. Assim, A imagem fotográfica tem a



Figura 7 Saída cultural – CMQQ | 2016

capacidade de escrever de forma visual a conclusão dos fatos do cotidiano, e, com isso, podemos dizer que é possível entender o presente e o passado através da imagem. Isto significa que a aprendizagem é passível dessa arte e que, com ela, podemos reconhecer o mundo no qual vivemos e auxiliar a entender de forma poética, política, histórica e social os acontecimentos do nosso tempo, também de nossa trajetória. Dessa maneira, a fotografia pode ser vista também como linguagem para desvelar o mundo a partir do olhar desse grupo, para acentuar essa ideia, segue as palavras de Cidade (2018), que pontua a função da fotografia como parte da experiência de registrar a vida:

Uma imagem fotográfica traduz em si mesma toda uma carga emocional e semântica que vem de seu autor, um discurso fotográfico que traz uma conjuntura histórica daquele que fotografa, ou seja, de um autor. (Pág.77, 2018)

Dito isso, o projeto busca proporcionar o processo de identificação dos sujeitos que pertencem ao espaço da cidade através da fotografia e, a partir dela, exercitar o olhar crítico e estético sobre a cidade, - uma cidade cada vez mais repleta de contradições, contrastes, exclusões e desigualdades. Concluimos, também, que era interessante vivenciar a cidade a partir de um “andar junto”, onde alunos de duas instituições, EPA e UFRGS, compartilhassem as experiências e saberes em uma relação crítica a rua, transformando-a em espaço público de direito coletivo e não apenas espaço de troca de mercadorias.

O A Cara da Rua propõe se manter como oficina de fotografia com aulas práticas em andanças urbanas e visitas culturais, participação de eventos culturais e acadêmicos, mantendo o protagonismo da população em situação de rua e dos alunos da EPA como

autores e debatedores em eventos. É com essa ideia que a proposta desse projeto se torna interessante e necessária para contemplar o nosso tempo, pois a imagem tem a capacidade de sintetizar a realidade em arte. O A Cara da Rua também tem como pilares fundamentais: buscar auxiliar no empoderamento social, o reconhecimento do sujeito como ator social e político, suas relações com o meio onde vive; criação de um coletivo de trabalho horizontalizado, organização colaborativa, procurando atender as especificidades de cada participante. Assim desde sua criação vemos o uso da fotografia como uma arte com uma produção social (Silva et al, 2009).

Para concluir, o projeto também conseguiu organizar uma rede de apoio em conjunto com a E.M.E.F – Porto Alegre, ao longo do seu percurso no tempo, o que ampliou nossas potencialidades. Conseguimos produzir uma série sobre xilogravuras, na qual o grupo fez os registros dos trabalhos feitos pelo Núcleo de Trabalho Educativo (NTE) do Papel, da escola. Isso foi possível pela intersecção de atividades em que os cartões postais produzidos serviriam também como imagem dos cadernos artesanais feitos pelo NTE. Como alguns participantes do A Cara Da Rua, também alunos da EPA, participavam do NTE, começamos a fazer algumas atividades em conjunto com saídas culturais em que ambos os grupos iam. Outra atividade que o projeto se vinculou no NTE, foi no Ateliê de Cerâmica, em que a coordenadora do A Cara Da Rua, propôs ensinar a técnica de impressão em cerâmicas. Ambas as atividades em conjunto com o NTE produziram outros materiais para venda e geração de renda. Dessa forma, além dos participantes do A Cara Da Rua, os alunos do núcleo de trabalho educativo puderam receber tantas as experiências sobre fotografia quanto material de venda. Além disso, as trocas de saberes entre os integrantes também foram importantes. Os saberes propostos nesses encontros sobre produção de Cerâmica, produção de papel artesanal e sobre fotografia, foram valiosas. Pois as trocas e partilhas são também uma forma de produção de contatos e afetos em que se auxilia na organização do grupo e do convívio tanto com o projeto como com o espaço que nos abriga: a EPA. Dizendo em outras palavras, tem a capacidade de provocar a sensação de pertencimento de um local, de um grupo e podendo se identificar através de sua elaboração artística pessoal e coletiva.

4 Caracterização da Problemática de Pesquisa

Com o aumento da população em situação de rua na cidade de Porto Alegre expresso nos dados da pesquisa produzida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em conjunto com a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), aponta que no último levantamento em 2016 (Pimenta, 2019), houve um aumento de 75,8% de pessoas vivendo nas ruas da capital do estado em comparação com os dados de 2007, 2008 e 2011¹³, 85,3% são pessoas do sexo masculino, 24,6% dessa população se auto declaram pretos e pardos, 12,4% se declaram pardos e 10,0% se declaram “moreno”.

Já, segundo dados do IPEA (2020) sobre este tema, há cerca 221.869 pessoas em situação de rua no Brasil; sendo na região sul do país o número de pessoas vivendo nas ruas chega a 33.591 em março de 2020. Isso significa que a população em situação de rua na cidade de Porto Alegre desde o censo realizado em 2016 pode estar defasada. Isto significa que pode haver um aumento considerável de pessoas vivendo nas ruas de porto alegre em 2022.

Dito isso, vale salientar, que o desemprego, inclusive durante a pandemia de covid-19 no país, isto é, a ausência de uma fonte de renda contínua e que abarque as necessidades diária, acaba por ser um dos fatores agravantes para o aumento desenfreado da vulnerabilidade extrema e do aumento da população em situação de rua. Pois, sem uma fonte de renda básica como pode haver uma existência digna? De acordo com Silva (2009), a crescente desigualdade social e a vulnerabilidade econômica (Alcantara et al, 2015) tornam-se preponderantemente condutores de elevação da população em situação de rua. Nas palavras de Silva (2009):

O fenômeno população em situação de rua é uma expressão incontestada das desigualdades sociais resultantes das relações sociais capitalistas que se desenvolvem a partir do eixo capital/trabalho. E, como tal, é expressão da questão social. Na cena contemporânea, em face das mudanças no mundo do trabalho, advindas principalmente da reestruturação produtiva, o aprofundamento do desemprego e do trabalho precário consubstanciam a expansão da superpopulação relativa ou exército industrial de reserva e, dessa forma, propiciam a elevação dos níveis de pobreza. Nesse contexto, cresce o fenômeno população em situação de rua, como parte constitutiva da pobreza e da superpopulação relativa (SILVA, 2009, p.27).

¹³ <http://www.ufrgs.br/secom/ciencia/relacoes-entre-pessoas-em-situacao-de-rua-e-o-espaco-sao-tema-de-dissertacao/>

Portanto torna-se fundamental perceber quais os motivos que elevam as chances de levar alguém à situação de rua. Ao levar em consideração a classe social dos sujeitos que estão inseridos no contexto de vulnerabilidade extrema, a classe trabalhadora (Alcantara et al, 2015) é predominante; e ao relacionar com o quesito raça/cor, identifica-se que são majoritariamente pessoas negras que permanecem em situação de rua. Segundo a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua¹⁴, de 2008, dos entrevistados, 67% são de pessoas negras. Esses elementos podem sugerir uma correlação entre essa condição de vulnerabilidade extrema e o racismo estrutural no Brasil (Souza, Jesse, 2014). Isso significa que além da situação de vulnerabilidade social, há também uma exclusão por origem étnico-racial, que está associada a falta de possibilidade de ascensão social (Souza, Jesse, 2014). As palavras de Pizzato (2012) corroboram com esse entendimento:

A população em situação de rua abrange gradativamente um maior contingente que passa a fazer parte do cenário das cidades, mas não como cidadãos e, sim, como não sujeitos, discriminados, alvo de preconceitos e estigmas (Pág.69, 2012)

Com isso, é possível perceber que há um contínuo aumento de pessoas cada vez mais pobres e tendo que optar por viver nas ruas para manter a sua sobrevivência básica. Portanto, ao se retirar os direitos e possibilidades de existência tende a produzir sofrimento tanto mental, quanto de saúde, ao passo que a falta de oportunidades lhes retira a dignidade, como descrito por Souza (2014):

“Dignidade”, aqui, é um conceito “procedural”, e não substantivo, ou seja, ele não “é” um “valor moral específico”, mas um “conjunto de características psicossociais incorporadas praticamente” afetivas, emocionais e cognitivas, que fazem com que tanto a “autoestima” pessoal quanto o “reconhecimento” social sejam possíveis. [...]. É a mesma seleção que fazemos todos os dias acerca de quem apertamos a mão ou de quem evitamos até usar a mesma calçada. Essa dimensão é tão “encoberta” e “escamoteada” quanto a dimensão dos capitais não econômicos. Daí que a realidade social tenha que ser “reconstruída” de modo novo em pensamento para que faça sentido. (Pág. 41, 2014)

¹⁴<http://www.amde.ufop.br/tccs/Lafaiete/Lafaiete%20-20Vanessa%20Santiago%20da%20Silva.pdf>

Outro ponto importante a salientar é ligação, algumas vezes feita, entre a população em situação de rua e a loucura, por setores da sociedade. Pois, historicamente é o sujeito que não está vinculado às normativas sociais vigentes de seu tempo. Dessa maneira, pode se dizer que ao longo da história da humanidade recente, pessoas que se desviassem dos padrões sociais aceitos de suas épocas eram retiradas de seus meios sociais e enclausuradas em espaços destinados para tal função; não somente os “andarilhos, mas também, pessoas que desviassem dos comportamentos heteronormativos, por exemplo. A análise que Foucault (1975) faz sobre o aspecto da loucura lança luz no que tange a exclusão de corpos. O autor evidencia que a loucura opera como uma tecnologia para exclusão social. Portanto, a pessoa em situação de rua é vista como aquela que perdera a razão, já que escolhe a rua como morada, retirando-lhe todo seu processo histórico de chegada até esse momento. Assim, parece que um ser humano estar em situação de rua significa que este tem seus direitos sociais primários renegados. Exemplo disso é o ato de transitar em espaços públicos sem que sejam “enxotados”, ou tomados como possíveis “incomodações”. Essas situações podem ser identificadas ao se perceber ao longo de trajetos pela cidade, onde há mini grades embaixo

de marquises, pedras acimentadas sob pontes das cidades. Desta forma, a população em situação de rua é vista como perturbação da ordem social tanto para o Estado, que não consegue dar solução digna a essas pessoas, quanto às pessoas que tendem a seguir as



Figura 8 Encontro nacional da População em Situação de Rua em Brasília| 2015

regras sociais vigentes sem produzir reflexões adequadas, expondo, desta maneira, as feridas abertas da sociedade brasileira.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo lançar luz sobre a importância de atividades culturais, artísticas e pedagógica, bem como da geração de renda, como espaço sociável e ampliador de processos coletivos e de melhorias positivas nas relações exercidas pela população em situação de rua com a cidade e a sociedade, abarcando suas redes de apoio.

Desta maneira, buscamos sistematizar e colocar em análise as experiências vividas junto ao projeto de extensão “A Cara Da Rua” que se propõe a fomentar a articulação entre o uso da fotografia e as possibilidades de interação social. Como nas palavras de Cidade:

Propõe-se a fotografia como um espelho de seus criadores e como um processo de integração e de construção de narrativas que apontam para um efeito de reestruturação de imagens e narrativas fragmentadas, através de seus próprios criadores. (pag. 75, 2018)

Sendo assim, busca-se compreender, através do campo da imagem, da fotografia e de processos artísticos, introduzidos de forma pedagógica através do projeto de Extensão A Cara Da Rua, como o contato com a arte e suas potencialidades de expressão podem auxiliar no cotidiano do grupo que participou das oficinas propostas. Para tanto, partimos de algumas questões norteadoras: quais possibilidades de transformação são criadas pelo contato com a fotografia e com as saídas culturais? Quais os possíveis efeitos que o ato de registro visual tem em quem registra? A potência de se relacionar com o imagético da fotografia, no sentido de ser permeado por todo o campo do fazer fotográfico cria um espaço de produção de saber sobre si? Reflexões pertinentes para a construção desse trabalho acadêmico. Seguindo com os pensamentos de Cidade:

Uma imagem fotográfica traduz em si mesma toda uma carga emocional e semântica que vem de seu autor, um discurso fotográfico que traz uma conjuntura histórica daquele que fotografa, ou seja, de um autor. Poderíamos falar de “sintoma”. Uma fotografia sombria, por exemplo, revelaria toda a carga emocional da sombra, da obscuridade. (Pag.79, 2018)

Assim, a fotografia ou ato de observar o mundo ao redor e poder capturá-lo em imagem incide e faz transbordar a ligação do sujeito que fotografa, com a sua construção subjetiva, com o mundo e suas possibilidades. Ao passo que propicia, também, uma reflexão sobre os processos de subjetivação, que produzem efeitos despotencializadores como baixa autoestima, preconceitos e discriminações sobre a condição de vida nas ruas.

O processo de escrita desse projeto levará em conta o trajeto afetivo e articulador das atividades propostas e oferecidas pelo projeto de Extensão Universitária A Cara Da Rua, ministradas por quem, aqui, está produzindo este devir trabalho acadêmico. Assim sendo, para relatar as experiências tidas nesse projeto terá como proposição a organização do grupo através da ótica de produção de saberes fotográficos e os efeitos

potencializadores para os participantes. Portanto, a fotografia estará presente como forma artística e como uma possibilidade de oportunizar um processo sobre o cuidado em saúde mental.

Dito isto, essa pesquisa será como uma bússola, que nos auxiliará a compreender como o contato com o A Cara da Rua pode trazer algum benefício aos integrantes, seja a geração de renda, espaços de trocas de conhecimento, entre outras. Tendo em vista a relação com a fotografia e o defrontar-se com o cotidiano através das andanças pela cidade e as potencialidades que surgem desse encontro; e a relação com geração de renda, como produto agregador de valor para os encontros com o grupo.

5 Metodologia

Frente a isso, para a realização deste trabalho acadêmico, partimos de relatos das minhas experiências junto ao projeto A Cara Da Rua, por meio dos quais buscamos fazer apontamentos sobre a função das atividades e seus efeitos para a população em situação de rua. Assim sendo, os dados foram coletados a partir das memórias das minhas vivências em oficinas do projeto durante o período de 2015 a 2021. Dessa maneira, inclui também o acervo fotográfico, os cartões postais e livro de fotografia produzidos pela população em situação de rua, além das exposições fotográficas organizadas pela cidade de Porto Alegre.

Posto isto, a pesquisa será do tipo qualitativa e seu objetivo será tentar compreender como o uso do recurso fotográfico e das saídas culturais como método pedagógico pôde ser potencializador de processos de subjetivação para a população em situação de rua. Por conseguinte, levar em consideração como o uso da imagem fotográfica, como efeito de produção artística, pôde contribuir para melhora emocional e de saúde mental dos integrantes do grupo.

6 Fotografia e rua: recortes, arte e corpo

Para as atividades propostas, buscamos inserir momentos teóricos sobre o funcionamento dos equipamentos fotográficos digitais, câmeras portáteis e semiprofissionais, pesquisa na internet sobre fotógrafos conhecidos, e contatos com livros diversos de fotografia para ampliar o aporte de conhecimento da imagem fotográfica. Decidimos que o mais interessante para trabalhar com a população em situação de rua fosse a utilização de informação e conhecimento sobre fotografia de forma visual, - pois é relevante salientar que os alunos da EMEF - EPA, muitos deles, estavam em séries iniciais de ensino, e assim conseguimos manter uma harmonia na forma de aprendizagem dos elementos com os quais desejávamos que eles entrassem em contato. Outro fator a ser relatado é de que o processo foi muito mais prático do que teórico, ainda mais se tratando de fotografia e imagem, pois cada aluno da oficina já traz sua bagagem histórica de observar o mundo e de compô-lo. Portanto, partimos dessas reflexões para realizar as atividades da oficina de fotografia do projeto A Cara Da Rua.

A troca de conhecimento gerado nos encontros transcenderam quaisquer expectativas que tínhamos sobre os resultados que queríamos da oficina. Isso se desvela



Figura 9 Foto de capa do livro do Projeto A Cara Da Rua | Fabiano Ávila

nas fotografias feitas sobre a cidade e as relações do cotidiano que ela abarca, se tornando cartões postais. As trocas de experiências entre nós bolsistas e o grupo da oficina sempre há algo de rico, de potência, pois algumas vezes nas oficinas ao me deparar com algumas imagens que me afetaram de algum modo, eu afirmava: - “*vou usar como referência para as minhas fotos!*”. Portanto, vejo a oficina como uma avenida onde há duas vias de ir e vir, no qual a cada encontro o surpreendente pode ocorrer, pode ser pela fotografia, bem como pela troca de experiências de vidas, e no final surgir a possibilidade de sair diferente. Como Cidade (2018) comenta sobre o projeto A Cara da Rua, faz coro ao que está descrito aqui:

A reflexão feita sobre o processo poético, construído pelo projeto *A Cara da Rua*, torna-se importante ao ultrapassar alguns relatos das experiências vivenciadas e se propor compreender as dificuldades sociais e políticas da população em situação rua. É importante perceber não apenas o grau estético resultante, mas a relação que se estabelece entre o sujeito da rua e aquele que provém de moradia no momento de troca da ação quando vendem suas imagens nas ruas: a imagem não chega em silêncio, ela é acompanhada de uma história. (Pág.80, 2018)

Dito isto, a fotografia estabelece uma função de ir além do caráter documentário de uma cidade concebida por esse grupo de alunos da EPA. Ela também pode ser lida como uma forma de reconhecimento do espaço, de habitação, de lugar, de interior e exterior. Ao propor um percurso pela cidade através da imagem, procuramos abrir as possibilidades de apropriação simbólicas da fotografia como ferramenta de conhecimento do mundo, caminho para chegar a um outro sentido do espaço, tempo e lugar. As imagens resultantes nos encaminham para uma leitura do conhecimento, da descoberta e do movimento, que passa a discutir o conceito de arte e do vazio, e de sua possibilidade de recuperação através da imagem. A fotografia reconstrói a condição de ausência, de exclusão em uma cidade separada. O avesso, o vazio, a sobra, nos fazem chegar ao conhecimento e à reflexão sobre o sentido do espaço, ou sobre a cidade e o lugar a partir do olhar destes moradores de rua.

Essas imagens podem ser lidas como resultado de uma importante relação que se estabelece entre corpo e espaço, e que coloca o meio urbano como instrumento de constante análise e crítica do sentido do lugar e da integração social. Na relação imagem e movimento como forma de apropriação do espaço, a fotografia torna-se uma forma de inserção deste grupo. O espaço aberto da cidade deixa de ser um vazio, e a imagem fotográfica trabalha como catalizador de um processo de recuperação de ausências e insere o ser humano em uma determinada perspectiva: espaço e vida.

Dito isto, além do fazer fotográfico, inundar o pensamento com vivências com a arte em espaços públicos de Porto Alegre, com as saídas culturais, foi algo que na proposição do projeto *A Cara Da Rua* seria de extrema importância para a criação e manutenção das atividades junto a população em situação de rua. Isso foi visto como um benefício para ampliar a vontade de participação dos integrantes, no primeiro momento das atividades. Penso sobre a relevância de utilizar contextos e experiências variadas como meio de percepção do fazer artístico para levar ao grupo com o efeito de poder vivenciar, através da ótica das ações artísticas, outras visões possíveis sobre o mundo.

Além da fotografia, o teatro serviu-me como referência de organização das oficinas. Levar isso para ser discutido no grupo de bolsistas foi essencial, principalmente



Figura 10 Acervo | A Cara da Rua

as ideias de Artaud (ed. 1984), em que ele expressa de forma contundente a relação do teatro com a vida. Isso ele chama de *Teatro e seu duplo*, no sentido de que a arte e a vida não são separadas uma da outra. Então, viver a vida é viver a arte. Neste sentido, atribuir o aspecto de duplo para a oficina se tornou ferramenta para imersão nas vivências apresentadas ao decorrer dos encontros com os participantes. Pois as nossas histórias não se separam de nossa função artística. As nossas histórias são como digitais nas obras que produzimos. Creio ser difícil haver uma separação. Naquele momento de oficinas, sempre buscamos o estar presente de corpo e

de mente, para poder acessar os códigos que a arte nos mostra e que tem para nos comunicar; e, por conseguinte, mesclar tudo o que foi observado, com o mundo e experiências das pessoas que vivem em situação de rua têm para compartilhar. Construir um algo novo do novo que é criado por todos presentes.

Assim, a experiência vivida tanto pela arte quanto pela história de vida particular de cada um tem como proposição se fundirem na identidade visual das imagens registradas no decorrer de cada tema que abordamos para a criação final de cartões postais. Assim, pode-se enlaçar tudo isso para podermos refletir pela ótica de que somos aquilo que vivenciamos e aquilo que produzimos.

Para o projeto A Cara Da Rua, tal reflexão serve para expandir as capacidades, sejam elas as que surgirem; e, possivelmente, auxiliar na transformação de pensamentos ao longo de todo processo criador. Pois, a mudança tem seu gatilho quando é possível ver para além daquilo que está a frente, quer seja a própria cidade, quer seja a reflexão sobre ela. A arte é uma ferramenta que tem, também, como potencial de função social, propor rupturas com o *status quo* e alçar as ideias para outros níveis. Ou seja, a arte é capaz de transbordar as possibilidades de se relacionar com o mundo e através dela fazer surgir um ambiente de trocas de saberes, afetos, experiências. Como nas palavras de Silva & Freitas:

[...] é na interação com o Outro, mediada pela linguagem, ou seja, no contato social com o Outro e com suas produções, que ocorre a internalização da linguagem e dos conceitos e são ampliadas as perspectivas de desenvolvimento do processo de produção, fruição e conhecimento no campo específico da Arte. (pg. 04, 2009)

Unir as linguagens artísticas como produção pedagógica da ação de fotografar, ao entendimento dos organizadores do projeto, tem como proposição promover reflexão sobre o próprio ato artístico e pessoal, bem como aguçar o olhar crítico sobre o que se registra, sobre as relações humanas, sobre o próprio indivíduo, sobre a sociedade, sobre como ela nos afeta e como nós a afetamos.

Portanto, o cinema, as artes plásticas, o teatro, a música, bem como a fotografia são capazes de promover uma reflexão social sobre o mundo e unidas como experiências do observar, ampliam o entendimento sobre o registro fotográfico. Assim, a decisão de clicar o botão da máquina fotográfica pode estar embebida de um aporte cultural, social e político, sentido de relação sociais cotidianas.

Neste instante, ao registrar algo, se registra com o olhar, com a mente, com o corpo e com tudo aquilo já visto pelo indivíduo. E isso tudo tem a força de ficar marcado na história. Portanto proporciona uma leitura do que foi vivenciado em toda sua particularidade. Esse registro fotográfico de um espaço-tempo dá a quem observa a possibilidade de se



Figura 11 saída fotográfica – Acervo| A Cara da Rua

conectar com o autor. Ou seja, o instrumento fotográfico torna-se a ferramenta desse contato, auxilia na elaboração daquilo que quer ser dito, visto. Tal reflexão vai ao encontro das palavras de Silva & Freitas:

O sistema óptico da câmara não dá conta de revelar a realidade interior do que foi fotografado. Este não dito da fotografia, o que está para além do imediatamente revelado, é material que pode ser imaginado, reconstituído e narrado por cada observador/leitor. (pg. 05, 2005)

Desta maneira, vale ressaltar que o corpo se envolve com o fazer fotográfico. Visto que as andanças pela cidade, o “agachar”, o levantar de cabeça para olhar para o céu, o se arquear para estar ao nível do recorte a ser registrado, o caminhar a longas



Figura 12 Saída Fotográfica – acervo| A Cara Da rua

distancias, o subir escadas, o entrar em espaços públicos, todas essas dinâmicas têm o corpo presente, que necessita ser articulado, exercido como potencial da imagem. Diversos participantes do projeto em algum momento das atividades de registrar

buscaram outros níveis de visão para capturar o que lhes foram interessantes, desde se deitar no chão até subir em algum lugar alto para poder fotografar aquilo que lhe chamou atenção. De forma que, não somente a câmera registra, mas também o corpo o faz; ao movimentar-se grava na memória aquela foto. Esse elemento foi possível de ser observado em alguns encontros para seleção de imagens quando, ao entrarmos em contato com o registro, alguns participantes descreviam como foi para si o momento de capturar a imagem. Relatavam que tiveram que se desdobrar para conseguir registrar a imagem da forma que entendiam que era fundamental e que fazia sentido pra si.

7 A escuta como função organizadora

Consegui observar que o grupo se organizava de forma que possibilitasse a horizontalização das relações, isto é, que necessariamente as decisões deviam ser feitas pela maioria presente nas reuniões. A fala de cada integrante é posta como importante, sempre, mesmo que isto não ocorra na prática diária do grupo, mas há uma tentativa da coordenação do projeto de que prevaleça o respeito, sem necessariamente haver sanções para quem desrespeite o combinado. Para que a fala possa ser respeitada e escutada, sempre há uma lista de inscrição para que se viabilize o direito de cada um poder articular seu pensamento. Assim, mesmo que o grupo não esteja concordando com a reflexão do participante, na maioria das vezes em que pude observar, esse é ouvido. Desta forma, houve a possibilidade de construção de uma harmonia entre o grupo de trabalho, sem que houvesse, necessariamente, concordância entre os participantes. Contudo observei também que o exercício da escuta está muito presente e que, muitas vezes, torna-se uma tarefa árdua para a grande maioria dos integrantes, pois para que a produção e conclusão de todas as tarefas aconteçam de forma efetiva, dar visibilidade para a escuta e a compreensão do que está sendo discursado, narrado é o que dá ao grupo a qualidade nas construções dos temas que serão trabalhados. Isto é, este exercício da escuta possibilita a todos os que compõem o grupo o exercício de formarem suas opiniões de forma reflexiva, ao ouvir de forma sincera o que o outro está falando. Nas palavras de Barthes:

A partir daí a escuta está ligada (sobe infinitas formas variadas, indiretas) a uma hermenêutica: escutar é colocar-se em posição de decodificar o que é obscuro, confuso ou mudo, para fazer com que venha a consciência o “lado secreto” do sentido (aquilo que é vívido, postulado, internacionalizado como oculto). (Pág. 220, 1990)

Assim, pensar que o lugar de escuta que acontece no espaço criado pelos integrantes do grupo pode ser visto como momento de elaboração dos conflitos, promover a construção de cuidados e afetos e reverberar na manutenção do grupo, é dizer que há uma troca valiosa entre eles. Essa troca contribui para conduzir a um exercício reflexivo sobre o trabalho, sobre as próprias posições de cada um ante o grupo, sobre comportamentos que promovam qualidades de relações ou que interfiram de forma negativa nas relações, pois ao partir do pressuposto de que a fala conduz a escuta, e esta é o que possibilita e cria o momento/ato reflexivo em todos, em algum grau, mesmo que

pequeno, significa reconhecer que há uma afetação nos participantes, mesmo que seja na forma de um desacordo, ou mesmo de sair do local por não querer ouvir o que está sendo dito. Ainda assim, reverberam inquietações que levam a compreensão de um novo saber, que pode ser individual ou grupal. Quando a comunicação, segundo Pichon-Rivière, ocorre de forma satisfatória em que todos se relacionam com todos de forma respeitosa, significa que há uma boa ordem de organização, boa comunicação (BERSTEIN, 1989).

Dito isto, a escuta traz em si regras a serem respeitadas para que seja efetivamente potente dentro dos encontros, como o próprio ato de escutar, de aguardar, de respeitar a fala alheia, de tentar compreender o que está sendo proposto para a reflexão, de sentir o que está sendo dito. E, também, há regras constituídas pelo grupo para que a escuta possa estar presente, isto quer dizer que, para que haja uma conversa de forma harmônica, torna-se necessário que todos os presentes compartilhem das diretrizes já constituídas. Como mencionando anteriormente, a lista de inscrição das falas faz a função de organização do ato de falar. Outra regra importante é que a fala deve conter um tempo de duração e estar direcionada às pautas construídas no início da reunião, assim, auxilia na organização do grupo e do que será posto à debate.

Portanto, a escuta tem por objetivo viabilizar e introduzir uma necessidade de transformação constante nos participantes (BARTHES, 1990), mesmo que esta não esteja sendo respeitada, ainda assim, o exercício do diálogo está presente. A escuta se caracteriza como um eixo fundante dos processos de trabalho de produção do projeto, das relações interpessoais no grupo e das articulações com os objetivos: criação e elaboração artística e geração de renda.

8 Os preceitos construídos para a organização do grupo

Para que o projeto conseguisse se estabilizar e ser visto como proponente de uma ação: oficina de fotografia e a geração de renda, foi preciso reformular a organização interna das oficinas, bem como a maneira como nós criadores das atividades nos relacionávamos com os participantes. No primeiro semestre do projeto, chegamos à conclusão de que nossa intervenção seria entregar as câmeras para os integrantes e deixar a deriva a oficina a fim de ver o que surgia disso. As discussões sobre fotografia surgiram a partir das indagações dos alunos. Nesse primeiro momento tínhamos apenas as câmeras, não havia ainda um movimento intenso de proposição de geração de renda, apenas pairava em nossos pensamentos a ideia, mas sem saber muito bem como pô-la em prática. Começamos a oficina, no primeiro semestre com mais de 10 participantes, e no final desse primeiro processo, restaram apenas 2 participantes. A frustração de não alcançar um objetivo maior foi primeiramente o que nos abateu. Onde erramos? Por que não houve interesse na permanência dos participantes? Essas questões foram importantes para decidirmos reformular a oficina de fotografia e destinar uma função para além do fazer fotográfico: a geração de renda.

Pode-se observar que na organização do grupo as regras se tornam fundamentais para a produção de um coletivo que se reconheça como tal e nele busque se afirmar como participante. Elas possibilitam, ainda, a manutenção de certo grau de coesão entre os participantes, pois a aplicação das regras construídas em coletivo pelos participantes tende a ser mais respeitadas porque a elaboração delas partiu da reflexão sobre sua importância. Dito isso, as regras têm a função principal de promover a manutenção constante do grupo e das relações que envolve o trabalho. Isto é, as regras acabam por ser vistas e se tornam uma energia permanente e essencial, como se se corporificasse como um participante assíduo nos encontros. Desta forma, elas entram nas rodas de conversas, na criação de temas, quase como fundante de todos os percursos, diálogos e ações do grupo. Isso foi sendo percebido ao longo dos anos do projeto, em que novos participantes, ao entrarem para o projeto, acabavam por se moldar ao grupo, no sentido, de compreender que para estar atuando no projeto, necessariamente, teriam que respeitar os acordos estabelecidos outrora.

Portanto, a regra é vista como fator importante para a boa relação entre os integrantes do grupo, nela se baseia o contrato de trabalho entre todos, ou seja, ela

qualifica o espaço e os diálogos. Sua presença se torna marcante e sua função ultrapassa a simples organização do ato grupal, isto é, pode-se observar a relação grupo-regra como uma força magnética onde a segunda acaba quase que sendo percebida como um integrante fundamental do grupo. Desta forma, pode ser entendida como uma espécie de coordenadora, líder, pois os integrantes produzem a sua corporificação no espaço, ora demandando que direcione a reunião, ora como uma participante cujo papel fundamental é o de promover a entrega ao trabalho, às relações, às experiências propostas. Portanto, dentro das suposições básicas de Bion (SILVA, 1989), a relação regra-participantes pode ser compreendida como suposto básico de dependência, pois a regra, nesse momento, tem a função de organizadora do grupo e, portanto, sua figura como líder se concretiza. Tendo isso em vista, quando Maria Bethânia não está presente nos encontros, a regra acaba por tomar seu lugar, porém, de forma complementar, sustentando a liga que mantém o grupo coeso. Entretanto, ao passo em que a regra tem sua presença marcada como liderança organizadora das atividades, acaba, também, por sofrer com a responsabilidade de se impor perante os demais integrantes e, assim, pode produzir fissuras no grupo, oportunizando àqueles interessados em seu poder o desejo de tomar sua posição. No entanto, estes procuram a liderança na perspectiva de líderes suplementares (BERSTEIN, 1989), ou seja, dando um ritmo ou projetando novas formas de relacionar-se dentro do grupo, desestabilizando, assim, a essência grupal. Como no caso de Martinho da Vila, sua função é distorcer o espaço-tempo, promover, interromper, o andamento do grupo, suas falas em paralelo ao que está sendo discutido contribui para desregrar o fluxo de trabalho grupal. E, desde a minha primeira observação, percebi que sua participação pode estar relacionada com a ideia de Pichon-Rivière, de ser o bode expiatório, ou seja, aquele que expressa as ansiedades e que carrega as projeções das dificuldades do grupo (BERSTEIN, 1989). Ao mesmo tempo pode, também, demonstrar nele o suposto básico de luta e fuga, conforme proposto por Bion, pois seu comportamento sempre denota certa rivalidade com as propostas acordadas pelo grupo e com alguns integrantes, principalmente, com a Maria Bethânia, isto é, fica evidente que sua função é desestabilizar o grupo. No primeiro encontro que participei, Martinho da Vila, deixou a reunião para ir tocar seu pandeiro no lado de fora do espaço contribuindo para que se gerasse um conflito no grupo ao convencer que outros participantes saíssem junto. Isto acabou parando a reunião para trazê-los novamente e partir disso se retomou as combinações de grupo.

Assim, as regras, neste grupo, têm destaque importante, são elas que produzem a borda que delimita o que é grupo e o que não é, sua presença é muito marcante, quase

sempre alguém do grupo lembra de sua existência e se apoia nela para que, muitas das vezes, sua fala seja ouvida, respeitada e que suas ações sejam efetivas. A regra, a meu ver, pode ser vista como uma moeda de troca dentro das relações constituídas no grupo, ou seja, todos a procuram para certificarem-se que estão corretos em suas atitudes ou para fazer com que o colega compreenda a organização do grupo de forma concreta, e nesse sentido ela se torna o objeto operativo da aprendizagem grupal em que irão modular as relações e promover reflexões sobre organizar-se em grupo, produzindo afeto e ao mesmo tempo desafetos.

9 A geração de renda e os laços com as experiências: trocas, coletivo e horizontalidade.

A experiência com a fotografia e a formação de grupo de pesquisa fotográfica foi um processo que auxiliou no enriquecimento cultural e para as dinâmicas de vivenciar a cidade pela população em situação de rua e alunos da E.M.E.F – Porto Alegre. Navegar pela cidade com o olhar livre e fundamentado pela pesquisa de tema fotográfico pôde ampliar uma conexão crítica com o espaço onde se habita. Isto é, trazer à luz tudo aquilo que se esconde dos olhos de passantes pelo centro da cidade de Porto Alegre. Dessa forma, poder devolver um pedacinho dessa urbe em formato de imagem/arte, de realidade crítica para quem passa desavisado, frenético, em formato de registro, também, histórico sob o olhar de quem a vive de forma intensa 24h por dia.

Assim, abrem-se portas para a população em situação de rua ocupar as ruas da cidade com seu trabalho artístico fotográfico, abre-se espaço para se mostrar o outro lado daquilo que é visto como cinza, desafiador, por vezes, segregadora, violenta, afetiva, entre outros adjetivos que podem ser utilizados para descrever a cidade.

Portanto, a etapa final do processo de escolha das imagens para formação do tema de cartões postais torna-se valiosa para o passo a seguir, pois serve também para a elaboração do pensamento sobre o tema abordado, para lapidar as ideias constituídas em grupo. Isto é, dá aos participantes outro momento para refletir sobre suas obras fotográficas e decodificar o processo como um todo, alinhando seus argumentos com os demais, ajudando no fortalecimento das ideias gerais sobre o tema que servirá como suporte para a venda dos cartões postais. Por conseguinte, busca-se uma unicidade de entendimento sobre todo do processo artístico; em que os relatos, impressões e argumentos de cada participante formam o conceito final do tema. Assim, a proposição a priori é de que se constitua uma informação coletiva sobre o todo desenvolvido. O projeto artístico fotográfico tem em sua formação a abertura para ampliação de possíveis óticas sobre o assunto abordado, pode-se, então, gerar diversas maneiras de ver cada ponto produzido ao longo de toda sua criação, mantendo o alinhamento com o tema e a constituição da narrativa comum a todos.

Dito isto, a importância de provocar a busca de uma unicidade para cada tema criado tem por objetivo criar, também, uma comunicação mais horizontalizada entre os participantes, seja ela como surgir. Neste ponto, cabe salientar que produções coletivas necessitam ter alguma conexão entre os integrantes que compõem essa organização.

Dentro deste desafio de trabalhar com fotografia junto a população em situação, foi importante perceber que um projeto produzido com este grupo necessitava ter um objetivo além do artístico e pedagógico, ter algo a mais: a geração de renda. Tal necessidade foi percebida ao ter contato com outros projetos que visavam a produção de renda como forma de manutenção do grupo. Além das atividades exercidas no projeto, reflexões, debates e encontros, a renda sempre estava presente. Não como fundante no qual os participantes estavam apenas pelo dinheiro recebido, mas como o ato final de toda construção que o grupo fez em determinado período. A união da renda com as atividades rendera maior participação, empenho, desejo de estar presente, diminuição de faltas nas atividades, desejo de participar em apresentações dos projetos, segundo o que foi observado nesses projetos que se relacionam com a EPA e a própria EPA. Portanto, pode-se perceber que a geração de renda, aliada a função que os projetos exercem, tornam-se potencialmente mais interessante para os grupos que estão em vulnerabilidade social, pois amplia o interesse dos participantes. Isso se mostra de extrema importância para a longevidade desses grupos. Além disso, acreditar no que é produzido e isso ser reconhecido de maneiras distintas e com o ganho de uma renda, enriquece o sujeito que participa e lhe traz o reconhecimento do seu trabalho artístico ou como seja ele.

A presença da geração de renda na formulação da oficina de fotografia do A Cara Da Rua foi, portanto, um passo importante e fundamental para o grupo de atuação. Assim como para outros projetos que realizam a produção de renda, tais como o Jornal Boca de Rua, NTE¹⁵ (Núcleo de Trabalho Educativo) da EPA e o Amada Massa (Clube de pães, onde se faz pães artesanais, veganos), entendemos que esta é importante para a manutenção do contato com a população em situação de rua e para a criação de vínculos com estes espaços de convívio e trocas de saberes. Ao trazer tais referências de geração de renda para apoiar a proposição do Projeto A Cara da Rua de ofertar em conjunto com as oficinas de fotografia a possibilidade de gerar renda, através do fazer artístico e moldando este em algo vendável, ficou evidente a percepção da importância que a renda tem para continuidade dos participantes por mais tempo dentro das atividades.

Portanto, a proposta de implementar a geração de renda veio ao encontro com uma das maiores dificuldades encontradas pela população em situação de rua, em seu cotidiano,

¹⁵ <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/nte.html>

que está intimamente ligado ao desemprego e a dificuldade de conseguir trabalhos remunerados e principalmente que seja por via CLT. Um dos fatores comumente aparecidos nos encontros do grupo do A Cara Da Rua é a dificuldade em atender as necessidades do dia a dia dos participantes, como: alimentação, material de higiene básica, vestimentas e lazer, entre outras. A falta de uma renda sólida e as dificuldades agregadas a isto auxiliam na exclusão dessas pessoas do meio social. Como nas palavras de Alcantara et al:

O ingresso no mundo do trabalho confere um valor social, construído historicamente, que reproduz coletivamente o imaginário de valorização moral do trabalhador. (pg. 132, 2015)

Assim, o efeito que o desemprego ou a dificuldade de não conseguir uma fonte de renda que atenda, minimamente, as necessidades do indivíduo podem provocar uma ruptura com a realidade que o cerca, sendo assim, um propulsor de desgaste emocional, além de intensificar seu processo de desvinculação familiar e com o mundo do trabalho (Alcantara et al, 2015). Como já referido, a população em situação de rua vem, principalmente, da classe de trabalhadores pobres (Alcantara et al, 2015). Por conseguinte, esse grupo se torna o mais propenso em chegar ao limiar da pobreza e da extrema pobreza, muito mais rápido do que outros grupos sociais. Sabe-se que há outros fatores sociais que propulsiona a chegada de pessoas ao estado de vulnerabilidade social, pois a pobreza e inclusão de pessoas no grupo de população em situação de rua está intimamente ligada à falta de recursos básicos de existência, que são conseguidos através do dinheiro, que por sua vez está atrelado ao trabalho, emprego, nas palavras de Ghirardi et al:

O emprego, ou melhor, a falta dele, é um elemento representativo da situação de exclusão; a possibilidade de exercer uma atividade produtiva reconhecida socialmente pode significar um primeiro passo no sentido de reverter esse quadro. (pg. 605, 2005)

Atribuir, então, a geração de renda como percurso de ação do A Cara Da Rua, objetiva perspectiva de construção do empoderamento do indivíduo diante da necessidade de ter uma renda que possa contribuir para suas despesas diárias, quaisquer que sejam elas. Por conseguinte, o ato de geração de renda também tem a força de contribuir para abertura de espaço de reflexão sobre o cuidado pessoal, sobre apresentação do trabalho individual e coletivo, sobre a relação com o mundo externo ao projeto A Cara da rua, no sentido de os participantes “trocarem” com outros grupos que compõem suas redes de

convívio toda a experiência adquirida, desenvolvida e compartilhada entre todos dentro do grupo.

Posto isto, o ato de gerar renda, também se tornou espaço fértil para se incluir o ato de dialogar sobre o autocuidado, sobre as relações saudáveis de convívio e auxiliou na formação de regras de participação, criadas de forma horizontalizadas e decididas por todos que compõem o projeto. Portanto, surge um ambiente de análise sobre o grupo, sobre o indivíduo e as atuações nas oficinas de fotografia e para além delas, para o contato com a sociedade. Este momento serve para delinear o que será importante para o desenvolvimento de uma identidade grupal e de ação.

Assim, antes da conclusão da etapa final do tema, que é a confecção dos cartões postais na gráfica, sempre é proposto ao grupo debates acerca do compromisso com os colegas e com o projeto, ou seja, destacar os pontos de funcionamento das atividades, da organização grupal, da participação de todos e dos regramentos já propostos. Tal momento serve para atualização de todos os aspectos descritos acima, pois a manutenção de um ambiente respeitoso e horizontalizado tem sua importância para que seja enriquecedor, no sentido de promover relações mais saudáveis. Vale salientar que a definição de regramento, além de construção de uma identidade de grupo, principalmente, para a venda do produto final como geração de renda, foi refletida a posteriori entre os bolsistas e a coordenação do projeto. Isso se deu pelas vivências que tivemos em outros espaços que propõem geração de renda junto a população em situação de rua, já consolidados na cidade de Porto Alegre, como O Boca de Rua e NTE da escola EPA e o Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR/RS) que produzem uma visão sobre gerar renda, trabalho de grupo e responsabilidades de seus participantes para atuarem nesses projetos. Como muito dos integrantes das oficinas circulam ou já circularam por esses projetos, sempre buscamos referencia-los nas rodas de conversas e agregar ao formato do A Cara Da Rua as experiências adquiridas.

O debate sobre regras, principalmente, sempre é o momento mais difícil dos encontros, no sentido de ter que avaliar os prós e contras de toda proposta de convívio formulada e adicionada ao regimento de convívio e de vendas de todo o material criado. Para exemplificar esse cotidiano de debate de regras, segue uma breve descrição de um desses momentos:

Ao nos depararmos com uma situação de um dos integrantes que estava vendendo os cartões postais sob efeito de substâncias psicoativas e o grupo “reclamar” de tal ação, foi solicitado que reavaliássemos nosso regimento interno de condutas para incorporar a

proibição de uso de quaisquer substâncias que pudesse alterar a consciência durante a venda. Essa tomada de atitude foi uma decisão de praticamente todos os participantes, pois, segundo eles, feriria e poderia impossibilitar a venda dos produtos do projeto, já que quem compra teria “medo” de comprar de alguém que estivesse “alcoolizado”, por exemplo. “Isso seria ruim para os negócios”, disse um participante. “No Boca de Rua se alguém é pego fazendo isso, pode tomar um gancho!”, exclamou outro integrante. “Se na escola não pode, aqui também não.”, disse outro.

Após a discussão sobre o ocorrido, foi decidido que no momento que cada um decida sair para fazer as suas vendas era importante tomar o cuidado para não estar sob efeito de alguma substância psicoativa, para que não comprometesse todo o grupo e o projeto. Também, nós bolsistas e a coordenadora buscamos frisar que o respeito a todos, no projeto, passa também pelas regras construídas coletivamente; que respeitar isso é uma ação de cumplicidade com o outro para fortalecer a união em volta do que é feito: fotografia e arte. Foi dito também que: *quem compra do nosso trabalho, compra por quem acredita no que fazemos... Já nos conhecem... gostam da gente. E, por essas pessoas, também, temos que ser responsáveis na maneira no qual vamos apresentar o que estamos fazendo no momento. Isso é fundamental!*

Tentamos reafirmar que em nenhum momento foi dito que não era tolerado quaisquer usos de substância psicoativa em outras ocasiões e que isso competia a cada um saber qual é o seu momento para isso. Apenas salientamos a importância que é, no momento de venda, o encontro com o outro como um momento de trocas, no qual não se vende apenas o produto, mas também o que ele significa como um todo.

Outro momento tido como relevante sobre o uso de substâncias que alteram a consciência, foi de um participante vinculado desde 2016 no projeto que algumas vezes tomou a decisão de fazer uma internação no CAPS ad¹⁶ para conseguir diminuir a ingestão de álcool. Cada internação tem uma duração de pelo menos 15 dias. Assim, esse participante acabava ficando fora da oficina por esse tempo. Sempre ao voltar para os encontros relatava o quão importante era para ele ter esse momento para “esfriar a cabeça” e voltar mais “tranquilo”. Rogério pedia para nós não “tirar ele” da oficina porque “gostava muito de tirar fotos”. Quando isso ocorria nós dizíamos, quase em coro: *“tá tudo bem! O importante nesse momento é que tu tá te cuidando e isso é mais importante.”*,

¹⁶ <https://prefeitura.poa.br/carta-de-servicos/centro-de-atencao-psicossocial>

“Fica tranquilo que tuas fotos vão entrar para os cartões postais e tu vai receber eles!”. Vale ressaltar que uma das vezes em que o Rogério sentiu necessidade de ficar fora novamente para tomar conta de sua saúde, ele disse que “tomaria” outra atitude, ao invés de se “internar” decidiu que tentaria se “controlar” sozinho, pois não “queria” perder a oficina que o “faz bem”. Desta maneira, pode se perceber que o projeto, além da proposta de desenvolvimento artístico e produção de geração de renda, torna-se um espaço de construção de afetos potentes, ao passo que o fortalecimento de vínculos tem contribuições relevantes para o cuidado em saúde tanto física quanto mental. Ou seja, a autonomia gerada e abertura para discussões acerca das dificuldades em que os participantes podem se encontrar são colocadas para ser pensadas pelo coletivo. Sobre isso, o caso do Rogério, desde sua necessidade de estar distante da oficina para tomar conta de si, até sua tomada de decisão de buscar um autocuidado tendo o grupo como espaço de auxílio para isso, são pautas também para nossas reflexões, pois entendemos que faltas dos participantes e a importância do cuidado são temas centralizadores para se ter um ambiente de trabalho, artístico e pedagógico frutífero. Além disso, perceber que o A Cara Da Rua, participa de alguma forma como parte da Rede de apoio (Oliveira et al, 2018) tecida pelos participantes, demonstra o enraizamento do projeto e seu alcance de atuação para o grupo. O projeto com suas dinâmicas pedagógica, e atividade com proposta de geração de renda pode ser visto pelo campo do trabalho na qual há gestão, há uma finalidade de ganho, há uma organização laboral, há regimentos e processos, podemos dizer que serve como um operador de saúde, observado pela Clínica da Atividade (Silvia et al, 2014). Isto é, a participação e o engajamento, a reformulação das dinâmicas de convívio, a atualização das atividades de fotografia, a criação de temas e formatos de cartões, são partes fundamentais para a realização do sentimento de fazer parte de algo, de um grupo. Como nas palavras de Silva et al:

Na clínica da atividade o conceito de reconhecimento toma então um rumo diferente daquele que tem na psicodinâmica do trabalho. O importante, do ponto de vista da clínica da atividade, é a possibilidade que os trabalhadores têm de se reconhecer no que fazem. E essa possibilidade se dá em função do modo como se inscrevem na história de um ofício, que não pertence a ninguém em particular, mas pela qual todos se sentem responsáveis. (pg. 4756, 2014)

Posto isto, o inverso do trabalho é a sua falta, e esta falta tem seus efeitos na saúde mental e na qualidade de vida das pessoas, não obstante, além de outras problemáticas já descritas aqui, podem ser tomadas como referência para entender a complexidade do

cuidado em saúde (Cardoso et al, 2011) no que tange a significação para cada participante. Pois, o conceito de saúde, aqui descrito, busca fugir da hegemonia de compreensão: doença, questão biológica, no qual retira o contexto social que pode provocar os sintomas de adoecimento físico e mental. Portanto, pode se dizer que o alinhamento do projeto com práticas de autonomia, produção coletiva, atividades lúdicos-pedagógicos e com a contribuição da geração de renda tem perspectiva de auxiliar os integrantes no que compõem a reflexão sobre o auto cuidado, sobre a manutenção de um espaço harmônico de trabalho e sobre refletir sobre o social.

Assim, o A Cara Da Rua, se aproxima de outros grupos que produzem atividades juntos a população de rua, no sentido de promover um espaço aberto para os participantes exporem suas potencialidades, suas dificuldades cotidianas, seus anseios, tendo suporte para elaborarem suas demandas dentro das possibilidades do grupo e do que o projeto consegue abarcar. Como dito antes, nossas referências de cuidado e saúde estão alinhadas com alguns espaços de redes de apoio para a população em situação de rua, como: o Consultório na Rua¹⁷, que visa o cuidado dessas pessoas em seus territórios e buscando a autonomia do sujeito para seus próprios cuidados. Tivemos a oportunidade de diálogos com uma trabalhadora dessa área que também participa do MNPR/RS; outro espaço de cuidado da saúde mental que pude ter trocas e experiências foi o CAPS ad¹⁸ – Travessia, de Canoas, no qual houve uma conversa com uma trabalhadora, formada em Artes Plásticas, que produz um trabalho artístico, pedagógico e voltado para geração de renda. Isso mostra que, por mais que o A Cara Da Rua seja apenas um projeto de Extensão Universitária, conseguiu ser um espaço, também de cuidado, e estar conectado as redes de cuidado da população de rua. Pois, algumas vezes ao longo do percurso, foi possível interagir de forma interseccional com alguns grupos, como o Boca de Rua, o MNPR/RS e a E.M.E.F – EPA, onde circularam integrantes desses espaços no projeto A Cara da Rua.

¹⁷ <https://aps.saude.gov.br/ape/consultoriorua/>

¹⁸ <https://www.canoas.rs.gov.br/servicos/caps-centros-de-atencao-psicossocial/>

10 Considerações Finais

Tendo em vista os aspectos apresentados sobre o projeto de extensão A Cara da Rua, a partir da perspectiva de minhas observações e atuação, percebo que durante a trajetória das oficinas foi conseguido oportunizar um ambiente favorável para realização de discussões e reflexões acerca de produção de trabalho em grupo direcionado para criação de coletividade e horizontalidade nas atividades propostas. Na mesma linha, foi possível atribuir ao projeto um espaço que proporcionasse construção de afetos e de relacionar-se com o outro de formas que tivesse características de redução de conflitos entre os participantes. Ademais, o projeto A Cara da Rua, serviu, como local no qual as pessoas, participantes, puderem expor seus potenciais artísticos e solidários perante ao grupo. Houve, por conseguinte, uma abertura para as trocas de saberes, experiências entre nós, os bolsistas do projeto, e a população em situação de rua e participantes do projeto, pautadas pelo respeito, diálogos e observando o lugar de fala de cada integrante. Além disso a proposição de geração de renda auxiliou para a organização de preceitos de convívio e partilhas fundamentais para as relações do grupo. Serviu como forma de contato dos participantes com os espaços sociais e fomentado os saberes sobre as produções de temas fotográficos e suas impressões acerca da arte, do cotidiano. A geração de renda também auxiliou na manutenção de necessidades básicas do cotidiano, a partir daquilo que cada um compreende ser necessário. Outro ponto importante, foi o vínculo dos participantes junto ao projeto e os modos como foi conseguido abordar temas importantes, como uso de substâncias psicoativas, solidariedade, respeito ao pensamento do outro, cuidados para o fortalecimento da saúde do grupo e mental.

Contudo, o A Cara da Rua é uma semente com muita potência, porém ao longo de seu percurso se teve muito altos e baixos referente a estratégias de manutenção da frequência dos participantes, a organização em coletivo, a aceitação do diferente. Estes pontos são importantes serem trazidos, pois não é só de experiências positivas que projetos se sustentam. Dito isto, é fundamental que haja desafios a serem superados, a assim, há possibilidade de ir além, de inscrever novos sentidos e experiências ao grupo.

Para concluir, a experiência que tive nesse projeto foi muito importante para meu desenvolvimento enquanto ator social e político. Entrar em contato com a população em situação de rua de um modo em que se pudesse propor atividades culturais e de fotografia teve seu efeito em mim, pois a conexão que tive com os participantes foi de colega, de amizade, de ouvinte e aprendiz. Aprendi mais do que compartilhei meu entendimento

sobre a mecânica da fotografia, o funcionamento de uma câmera, a construção de um tema fotográfico. Eu aprendi sobre a vida e sobre ter força para seguir em frente, mesmo que o caminho seja muito árduo. Eu aprendi de forma profunda, “onde se come 1, pode comer quanto for possível dividir o alimento”. Eu aprendi sobre companheirismo, sobre não deixar o outro na “mão” se eu realmente me importo. Eu aprendi que se tenho um cartão postal, eu consigo vendê-lo 3 vezes e ainda ficar com ele, pois a narrativa presente na venda está inspirada na vida, nas histórias de como tudo aconteceu. Eu compreendi com eles que é possível se doar mesmo não tendo nada para receber em troca, pois fazem isso me seu cotidiano. A população em situação de rua, que eu conheci e vivenciei com eles uma história de uns bons anos são assim. São mãezonas, são irmãos, são amigos, são comunicativos, dão conselhos, contam histórias inscreveis. Assim, termino dizendo que este projeto foi um momento no tempo em que criamos história, alegrias, de afetos que oportunizaram que neste ano de 2022 completasse 6 anos de vida.

EMEF – Porto Alegre. WebSmed. Disponível em: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/index.html>

FARIA, F. G. **Processos de cuidado da população em situação de rua: entre o homo sacer e a hospitalidade incondicional** / Fernanda Gomes Faria; Rodrigo Siqueira Batista, orientador. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

FERNÁNDEZ, A. M. **O Campo Grupal: notas para uma genealogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. In: A constituição histórica da doença mental. Rio de Janeiro TEMPO BRASILEIRO LTDA. P. 75-86, 1975

GHIRARDI et al. **Interface 601** - Comunic, Saúde, Educ, v.9, n.18, p.601-10, set/dez 2005

<http://www.amde.ufop.br/tccs/Lafaiete/Lafaiete%20%20Vanessa%20Santiago%20da%20Silva.pdf>

KLAFKE, S. S; , JORGE, P. **O registro do indizível: um olhar sobre a arte fotográfica a partir dos pressupostos de Roland Barthes**. Universidade Federal de Santa Catarina - 1º Semestre de 2016

MENDES, D. C. **Fotografia e construção narrativa: algumas reflexões a partir do projeto A Cara da Rua**. Arcos Design, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 74-84, set. 2019. ISSN 1984-5596

MENEZES, P. **Invisibilidades cruzadas: Uma aproximação ao conceito de o momento decisivo de Henri Cartier-Bresson**. Tempo soc. vol.29 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2017

MOVIMENTO Nacional da População em Situação de Rua. Facebook, 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/mnprsr/>

NATALINO, M. A. C. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)**. Brasília: Ipea, 2020.

NTE. EMEF – Porto Alegre. WebSmed. Disponível em: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/nte.html>

OLIVEIRA, D. M. *et Al*, **Expedito AC, Aleixo MT, Carneiro NS, Jesus MCP, Merighi MAB. Needs, expectations and care production of people in street situation. Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(Suppl 6):2689-97. [Thematic Issue: Good practices in the care process as the centrality of the Nursing] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0612>

PIZZATO, R. **A trajetória do protagonismo dos grupos e dos movimentos da população em situação de rua. A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre**. In: DORNELLES, Aline

Espíndola; OBST, Júlia; Patrice Schuch; Ivaldo Gehlen; Aline; Espindola Dornelles; Marta Borba Silva; Emília Estivalet Broide; Jorge Broide; Rejane Margarete Scherolt Pizzato; Julia Obst; Lirene Finkler; Suely Silva Santos; Márcia Nectoux; Simone Machado; Simone Ritta dos Santos; Kevin Krieger - 2012.

PIMENTA, M. M. **Pessoas em situação de rua em Porto Alegre Processos de estigmatização e invisibilidade social.** Dossiê Vida. Civitas, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 82-104, jan.-abr. 2019

PRÓ Reitoria de Extensão, UFRGS, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prorext/>

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SEBASTIÃO Salgado. Enciclopédia Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2597/sebastiao-salgado>

SILVA, C. O; RAMMINGER, T. **O trabalho como operador de saúde. Ciência & Saúde Coletiva**, 19(12):4751-4758, 2014

SILVA, PY L. M. **Contribuições de Bion à psicoterapia de grupo.** In OSÓRIO, L. C. Grupos de terapia hoje. Artmed, 1989.

SILVA, M. L. L. **M. L. L. Trabalho e população em situação de rua no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, R. A; FREITAS, R. O. **V ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 27 a 29 de maio de 2009 Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.